

Por: Gilberto Lopes dos Santos (Idoso)

EMAIL: gsantosluz@gmail.com

Tel: 51995080644

SESC PROTÁSIO ALVES

Desacelere: Seu bem maior é a vida – Um olhar da janela

Era uma manhã comum. O sol brilhava tímido por entre as nuvens, e eu caminhava devagar até a parada de ônibus. O vento fresco batia no rosto, e a cidade parecia já correr com sua pressa habitual. Sentei-me no banco da parada — uma dessas novas, com assentos — e fiquei ali, observando o movimento, até que o ônibus se aproximou.

Ao subir, olhei para o motorista e disse um simples “bom dia”. Ele sorriu de volta, um sorriso rápido, mas sincero. Aquilo me fez bem. Sempre percebo como, nesses pequenos gestos, algo muda. Talvez ele estivesse cansado, talvez estressado com o trânsito, mas por um instante vi no olhar dele um alívio, como se alguém tivesse lembrado que ele também é humano.

O ônibus seguiu seu caminho. Pessoas subiam e desciam, cada uma com sua pressa, com seus fones de ouvido, mergulhadas em seus mundos particulares. Eu, no entanto, estava em meu ritmo tranquilo, olhando pela janela e lembrando de quando, há anos, eu também vivia nesse corre-corre sem perceber o quanto ele nos rouba a vida.

Foi então que aconteceu. Uma freada brusca me arrancou dos meus pensamentos. Segurei-me no banco à frente e ouvi murmúrios de susto ao redor. Olhei para frente e vi: um senhor, de cabelos brancos como os meus, atravessava a rua distraído, sem perceber o perigo. O motorista não teve tempo nem de buzinar. Reduziu a velocidade como pôde e parou antes que algo pior acontecesse.

O ônibus silenciou. O senhor seguiu seu caminho sem sequer perceber o quão perto estivera do perigo. E eu fiquei ali, com o coração acelerado. Coloquei-me no lugar dele. Quantas vezes, apressado, já atravessei ruas sem olhar direito? Quantas vezes confiei que nada aconteceria? Poderia ter sido eu.

Foi nesse instante que percebi a grande lição daquele dia. O motorista não apenas dirigia um ônibus; ele desacelerava a vida de todos nós. Sua atenção, sua prontidão, salvaram uma vida — talvez a minha, amanhã. E me perguntei: quantas vezes nos irritamos com esses motoristas por pequenas coisas, como um atraso ou uma freada, sem imaginar que, por trás disso, há responsabilidade e cuidado?

Olhei ao redor e vi outros idosos como eu. Quantos de nós ainda insistimos em viver como se tivéssemos vinte anos, atravessando no vermelho, correndo atrás de ônibus, ignorando os sinais do corpo que pedem calma? Envelhecer, percebi, não é apenas contar anos; é aprender a desacelerar, a viver com mais consciência e menos pressa.

No restante do trajeto, fiquei mais atento: às ruas, aos sinais, às pessoas. Quando desci, agradei. Já na calçada, fiz um sinal positivo com a mão e um sorriso. O motorista retribuiu com outro sorriso e um olhar tranquilo. Ele apenas acenou, mas eu sabia que havia entendido. Se, um dia, eu pegasse novamente o mesmo ônibus, provavelmente não lembraria mais de sua fisionomia. Mas o que permaneceu em mim foi o entendimento.

Caminhei devagar até meu destino, sentindo cada passo, cada som da rua. A vida, percebi, não precisa de pressa. Ela precisa de presença. E, naquele dia, compreendi: desacelerar não é perder tempo. É ganhar vida.

Talvez seja isso o segredo da terceira idade: olhar para os dois lados, ouvir o que está ao redor, falar um “bom dia”, agradecer mais, irritar-se menos. Porque, no fim, nosso bem maior não é a pressa, nem o destino final da viagem. Nosso bem maior é, e sempre será, a vida.